

## A REGIÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Alcinéia de Souza **SILVA**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade de Brasília. Docente na

Rede Municipal de Ensino em Formosa-GO

alcineia\_s@yahoo.com.br

**RESUMO:** A discussão regional remonta ao período de sistematização da ciência geográfica. Desde esta época há a preocupação em conceituar a região com o cunho científico. É notório que as diversas tentativas na busca de sua definição se manifestaram de forma polêmica, marcada por grande complexidade na história do pensamento geográfico. Atualmente, em tempos de globalização, onde a fluidez na comunicação e o avanço tecnológico se fazem presentes, encurtando distâncias e produzindo um mundo conhecido como “sem fronteiras”, o debate ganha outra direção. A região estaria, neste contexto de espaços globalizados, integrados, conectados e homogêneos, vivenciando o seu fim? Eis a reflexão a ser abordada no presente trabalho, que se torna relevante diante da importância dessa categoria de análise para a compreensão do espaço geográfico e as dinâmicas territoriais, tanto nas escalas local e regional, como na global. Tais apontamentos objetivam-se ressuscitar o rico debate existente na Geografia quanto à questão regional e despertar para o fato de que, mesmo diante de um contexto de conectividade e propagação da eliminação das heterogeneidades mundiais, a região não perde a sua essência, em ser o palco de concretização dos grandes fatos e fenômenos, inovações e descobertas, feitos e desfeitos, integração e fragmentação, oriundos do processo de globalização. Para tanto, a metodologia se ancora numa revisão da literatura geográfica, onde as salutares contribuições de La Blache, Haesbaert, Gomes, Lencioni, Corrêa, dentre outros que se apropriam/apropriaram do discurso regional são destacados no trabalho.

**Palavras-chave:** Dinâmicas territoriais, Globalização, Região.

## THE REGION IN GLOBALIZATION TIMES

**ABSTRACT:** The regional discussion goes back to the period of systematization of geographic science. Since this time there has been concern to conceptualize the region with the scientific. It is notorious that the various attempts in the search of its definition were manifested in a polemical way, marked by great complexity in the history of geographic thought. Today, in times of globalization, where communication fluency and technological advancement are present, shortening distances and producing a world known as "without frontiers," the debate gains another direction. Would the region be, in this context of globalized spaces, integrated, connected and homogenized, experiencing its end? It is the reflection to be approached in the present work, which becomes relevant considering the

importance of this category of analysis for the understanding of the geographic space and the territorial dynamics, at local and regional as well as global scales. These points aim to resuscitate the rich debate in Geography on the regional question and to awaken to the fact that, even in the context of connectivity and the spread of the elimination of global heterogeneities, the region does not lose its essence, in being the Stage of realization of the great facts and phenomena, innovations and discoveries, made and broken, integration and fragmentation, coming from the process of globalization. To that end, the methodology is anchored in a review of the geographical literature, where the salutary contributions of La Blache, Haesbaert, Gomes, Lencioni, Corrêa, among others that appropriate / appropriate regional discourse are highlighted in the work.

**Keywords:** Territorial dynamics, Globalization, Region.

## LA REGIÓN EN TIEMPOS DE GLOBALIZACIÓN

**RESUMEN:** El debate regional se remonta al período de la sistematización de la ciencia geográfica. Desde ese momento existe la preocupación en la conceptualización de la región con la naturaleza científica. Está claro que los diversos intentos en la búsqueda de su definición demostraron de forma polémica, marcada por una gran complejidad en la historia del pensamiento geográfico. Hoy en día, en tiempos de globalización, donde el flujo de comunicación y los avances tecnológicos están presentes, acortando distancias y la producción de un mundo conocido como "sin fronteras", el debate se convierte en otra dirección. La región fue en este contexto de espacios globalizados, integradas, conectadas y homogeneizadas, viviendo su propósito? Esta es la reflexión que se abordarán en este trabajo, lo que es relevante, dada la importancia de esta categoría de análisis para la comprensión del espacio geográfico y las dinámicas territoriales, las escalas locales y regionales, como el mundial. Tales cuestiones mismos pretenden resucitar el rico debate existente en la geografía como la cuestión regional y despiertan al hecho de que, a pesar de un contexto de conectividad y difundir la eliminación de las heterogeneidades globales, la región no pierde su esencia, que es el etapa de la realización de los grandes hechos y fenómenos, innovaciones y descubrimientos hechos y rotos, la integración y la fragmentación resultante del proceso de globalización. Por lo tanto, la metodología está anclado en una revisión de la literatura geográfica, donde las contribuciones de ahorro de la Blache, Haesbaert, Gomes, Lencioni, Correa, entre otros que proceda / apropiaron del discurso regional se destacan en el trabajo.

**Palabras clave:** La dinámica territorial, La globalización, Estado.

## INTRODUÇÃO

A incansável busca pela tentativa de definição do termo região é marcada por rupturas e fragmentações no cerne da história do pensamento geográfico. Os mais sofisticados discursos pelos adeptos ao tema se deram de forma complexa, não linear e descontínua. Alguns marcados por métodos próprios da Geografia, outros pela subjetividade presente na doutrina ideológica de cada autor. Há, portanto, no cenário geográfico, um movimento de concepções, caracterizadas como divergentes e antagônicas, que muito contribuiu para o enriquecimento da Geografia Regional, mesmo frente ao seu ostracismo. Assim, objetiva-se

tecer algumas reflexões acerca de tal discurso - revisando as contribuições dos principais nomes da Geografia, conforme supracitado - de forma a evidenciar a importância da categoria região para a apreensão dos fatos/fenômenos espaciais.

No desenrolar da evolução e desenvolvimento da Geografia, a região, segundo Lencioni (2009, p. 14) “sempre foi pertinente à perspectiva geográfica, apesar de se constituir, ainda hoje, em uma noção problemática”. Afinal, é um termo que possui sentidos variados e assume constantemente, um caráter ideológico, servindo de referência para a construção de mistificações geográficas e, conseqüentemente, um instrumento de manipulação política. Ou como aponta Corrêa (1990, p. 22), “a região deve ser vista como um conceito intelectualmente produzido”.

O debate regional remonta ao conhecimento elaborado desde a Antiguidade e se mantém vivo até os dias atuais. Assim, cabe recorrer à história do pensamento geográfico para conhecer a multiplicidade de concepções, unívoca e controversa, e assim, compreender o discurso moderno, próprio da era globalizada. Nessa tônica,

a discussão do conceito de região pressupõe que se tenha uma certa informação da evolução do pensamento geográfico desde, pelo menos, o final do século XIX, quando a geografia assume o caráter de disciplina acadêmica, dotada de um processo de mudança de paradigmas que se insere no bojo da história. (CORRÊA, 1990, p. 6).

Nesse passo, com a leitura do presente artigo se tornará possível conhecer o trajeto percorrido pela “região”, além de contribuir para estimulação de pensamentos reflexivos acerca deste saber, de modo a produzir um acúmulo de conhecimento mais apurado da discussão regional no atual cenário globalizado, dito sem fronteiras. Tal reflexão se remete ao fato de que “desde os primórdios, a palavra região aparece com destaque nos estudos sobre as diferenças e os contrastes da superfície da Terra, que foi denominado, pelos gregos, de estudo corográfico” (LENCIONI, 2013, p. 187).

Diante do atual momento histórico em que vivemos, onde a fluidez na comunicação e o avanço tecnológico se fazem presentes, encurtando distâncias e produzindo um mundo “homogêneo”, com a eliminação das diferenças soando no discurso de grandes autores contemporâneos, indaga-se: “Até que ponto a globalização opõe-se frontalmente à regionalização? Ou mesmo, até que ponto o internacional necessita, para consolidar-se, asfixiar o nacional, o regional, o local? (ANDRADE, 2009, apud LENCIONI, 2009, p. 14).

A região estaria, neste contexto de espaços globalizados, integrados, conectados e homogeneizados, vivenciando o seu fim? Eis a reflexão a ser abordada nas linhas que se

seguem, altamente relevante diante da importância dessa categoria de análise para a compreensão do espaço geográfico e as dinâmicas territoriais, tanto nas escalas local e regional, como na global.

Para tanto o trabalho será estruturado nos moldes que se seguem: Na primeira parte abordaremos as perspectivas diversas no estudo regional, expondo não somente conceitos, mas fazendo uma releitura da história da Geografia, com destaque às principais formas do pensamento regional, por meio das mais marcantes correntes da ciência geográfica.

Na segunda parte há o debate atual do tema região, apresentando a relação desta com o espaço “homogeneizador”, típico do processo de globalização. Na oportunidade, faz-se necessária também a utilização dos mais variados discursos quanto à pertinência da análise regional, já que a predominância da dialética de integração mundial e da produção de um globo uno e homogêneo falam mais alto que a prevalência da escala regional, fragmentária.

E por fim, veremos a conclusão do assunto por parte do autor, que não pretende em momento algum, inculcar como verdadeiros tais apontamentos, pois conforme supracitado, a discussão é polêmica e complexa. Mas sim, há a intenção de provocar o interesse para elaboração de trabalhos futuros, com vistas à continuidade do discurso regional, além de promover o debate sobre o assunto. Veremos que no decorrer deste trabalho, observar-se-á o semeio de dúvidas, instigando o leitor a procurar os seus próprios caminhos em torno da sobrevivência ou morte da região em tempos de globalização.

## **PERSPECTIVAS DIVERSAS NO ESTUDO REGIONAL**

O termo região conforme supracitado ocupa um campo privilegiado nos debates geográficos ao longo da história da ciência geográfica. A palavra em si

não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em geografia. Tanto num como noutro caso, o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si. (CORRÊA, 1990, p. 22)

Lencioni (2009, p. 17) afirma que “a ideia de região se vê presente, na construção da realidade e faz parte do senso comum”. Porém, como veremos ao longo desta exposição, há dentro das diversas correntes do pensamento geográfico/paradigmas, um sentido dialético simultaneamente real e racional, confirmando o que se verifica nos mais variados trabalhos regionais: o discurso ambíguo e problemático. Nas considerações de Corrêa (1990, p. 22) “a utilização do termo entre os geógrafos, no entanto, não se faz de modo harmônico: ele é muito

complexo”. Queremos dizer que há diferentes conceituações do termo região. Cada uma delas tem um significado próprio e se insere dentro de uma das correntes da ciência geográfica.

O que se torna oportuno a princípio e que cabe ser suscitada, é a reflexão sobre a velha discussão entorno da dicotomia da Geografia: quanto à natureza do seu objeto de estudo, Lemos (2005) indaga

se uma ciência física, se uma ciência do homem ou se uma ciência capaz de proceder à síntese de ambas. Sem a pretensão de dar conta dessa problemática — o que também fugiria ao que está em tela —, a análise do papel atribuído à região no determinismo e no possibilismo pode ser útil para ilustrar esse aparente dilema. (LEMOS, 2005, p. 27).

Impulsionada pela expansão imperialista, a Geografia, no final do século XIX, tem como paradigma central o pensamento determinista. Tal perspectiva aos olhos de Lencioni (2009, p. 84) significou que “aspectos sociais passaram a ser subordinados aos naturais, conseqüentemente, naturalizando-se a compreensão da sociedade. Surge neste contexto, um dos conceitos dominantes da Geografia, o de região natural”. Na obra de Corrêa (1990, p. 23), é possível encontrar uma definição para a expressão:

A região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em áreas dos elementos naturais [...] que diferenciam ainda mais cada uma destas partes. Em outras palavras, região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes. (CORRÊA, 1990, p. 23-24).

Para Gomes (2008, p. 55), o conceito de região natural, nasce, pois da ideia de que o ambiente tem um certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade. Surge daí o primeiro debate que tem a região como um dos epicentros: o determinista sob a luz do positivismo.

Como antípoda do positivismo e contrapondo-se ao determinismo, a corrente possibilista, historicista, com valorização e compreensão da realidade sociocultural, promoveu aberto confronto com o paradigma de que as atividades humanas eram determinadas pela natureza. Os geógrafos possibilistas, na visão de Gomes (2008, p.56) defendem a idéia de que “a natureza pode influenciar e moldar certos gêneros de vida, mas é sempre a sociedade, seu nível de cultura, de educação e de civilização, que tem a responsabilidade da escolha, segundo uma fórmula que é bastante conhecida – o meio ambiente propõe, o homem dispõe”.

Neste confronto nasce a noção de região geográfica ou mesmo, região-paisagem, caracterizada como uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, produto do trabalho

humano em um determinado ambiente. Nas diversas falas em torno desta região, a combinação de elementos naturais e humanos se entrelaçaria harmonicamente e de forma equilibrada, onde a análise descritiva e prévia do pesquisador revelaria a particularidade e a forma singular de determinada área/região, pois as mesmas características não se repetiriam no espaço. São as combinações de fatores desvendados pelo geógrafo que definiriam a configuração de regiões específicas, pois nos estudos regionais, não havia a preocupação com o estabelecimento de leis gerais. Na verdade, o homem tem consciência da existência das regiões à medida que constroem identidades regionais.

Ainda nessa perspectiva histórica, no final do século XIX e início do século XX, o determinismo e possibilismo, representados por Ratzel e Vidal de La Blache respectivamente, onde o positivismo e o historicismo, estudos gerais e estudos regionais, com as suas diversas formas de interpretar e analisar a natureza e a sociedade, constituem as trilhas de desenvolvimento da Geografia. Porém, com olhares bastante distintos do ponto de vista teórico e metodológico, contribuíram para o comprometimento do *status* científico da disciplina, conduzindo a um novo impasse: a cisão da Ciência Física e a Ciência Humana, e consequentemente, da Geografia Regional e Geografia Geral.

Nesse contexto, o impasse da dicotomia da Geografia, como ciência voltada para os estudos gerais (nomotética) ou uma ciência dirigida a estudos particulares (idiográfica) se tornou objeto de reflexão de Alfred Hettner, inspirado pelos sofisticados discursos de Kant. Para o autor, não existe cisão da Geografia; a ciência ao mesmo tempo em que é caracterizada como ciência nomotética, também se caracteriza como ciência idiográfica. Portanto, assinala Lencioni (2009, p. 123), “Hettner considera que a sua essência estaria no estudo das diferenciações da superfície terrestre, afirmando a vertente corológica da disciplina geográfica, ou seja, o estudo regional”.

Nas palavras de Lemos (2005, p. 29) “diante da ênfase dada por deterministas e possibilistas à relação homem-meio, a Escola Regional deslocou o debate para o estudo das diferenciações de áreas na superfície terrestre”. Vale ressaltar que não houve o abandono do tratamento daquela relação, mas antes, a pressuposição de que ela estivesse abarcada pelas diferenciações de áreas, dada a combinação particular e sintética à qual procede.

No pensamento de Gomes (2008, p. 59) “através da região, a geografia garantiria um objeto próprio, um método específico e uma interface particular entre a consideração dos fenômenos físicos e humanos, combinados e considerados em suas diferenças locais”.

É nessa direção que se observa onde as ideias de La Blache e de Hettner se aproximam, mas não se igualam. Ambos afirmam o estudo regional, porém com concepções

opostas. Na abordagem de Hettner, a região não é auto-evidente, pois necessita de uma construção intelectual do pesquisador. Enquanto na visão de La Blache, a região se evidencia na paisagem.

Tal discurso opositor de Hettner alcançou maior ampliação com as obras de Richard Hartshorne, que proclamava a ideia de que a Geografia se caracteriza por ser o estudo das diferenças regionais. Este sim é o traço que marca a essência da ciência geográfica. Além deste, diversos autores assinalam que não existe um grupo de fatos e fenômenos próprios da Geografia, já que esta deve se preocupar com todos os fatos e fenômenos que possuem uma dimensão espacial. Hartshorne acrescenta ainda que

[...] no plano interno, registra a procura de uma identidade para a geografia, que se obteria não a partir de um objeto próprio, mas através de um método exclusivo [...] diferenciação de áreas passa a se considerar o resultado do método geográfico e, simultaneamente, o objeto da Geografia. O cerne da geografia é a regional, que busca a integração entre fenômenos heterogêneos em seções do espaço terrestre. Estes fenômenos apresentam um significado geográfico, isto é, contribuem para a diferenciação de áreas. Da integração destes – estudados sistematicamente pelas outras ciências -, surge a geografia como uma ciência de síntese. A região não passa de uma área mostrando a sua unicidade, resultado de uma integração de natureza única de fenômenos heterogêneos. (CORRÊA, 1990, p. 15-16)

Dessa forma, não pode existir ambiguidade no interior dessa linha de pensamento entre as duas perspectivas, já que a região é o coeficiente capaz de uní-las: “[...] a despeito do fato de que o objeto geral da geografia seja produzir uma classificação global das regiões, através de sistemas genéricos, estas regiões possuem sempre aspectos únicos que são irreduzíveis à generalização” (GOMES, 2008, p. 59).

Nas discussões metodológicas da geografia durante as décadas de 30 e 40, as colocações de Hartshorne tiveram grande repercussão, sendo a referência fundamental da época. Elas se destacaram, portanto, como alvo das críticas e dos debates que objetivaram renovar a ciência a partir dos anos 50.

Embora a contribuição do paradigma regional tenha sido notória naquele momento, o período pós Segunda Guerra Mundial, questionou a eficácia do método de análise regional frente às grandes mudanças decorrentes do processo de mudanças, marcadas em especial pela fase de expansão capitalista. A simples identificação e descrição de regiões que alimentaram por anos a geografia clássica não respondiam mais aos anseios de uma sociedade que vivenciava maior concentração de capital e progresso técnico, além de uma nova organização social. São anos gloriosos de produção de consumo.

Pelo raciocínio de Corrêa (1990), “essas transformações inviabilizaram os paradigmas tradicionais da geografia – o determinismo ambiental, o possibilismo e o método regional -, suscitando um novo, calcado em uma abordagem locacional: o espaço alterado resulta de um agregado de decisões locais” (CORRÊA, 1990, p. 17).

Diante destas rápidas mudanças, exige-se da Geografia o desempenho de um papel de apoio às demandas dos setores público e privado em relação à intervenção no espaço por meio do planejamento, da explicação da lógica locacional e da maximização da eficiência. É neste contexto que os modelos matemáticos são aplicados e desenvolvidos na geografia, buscando encontrar uma ordem no real e uma lógica na organização do espaço. (LENCIONI, 2009, p. 134-135)

A geografia tradicional apoiada na descrição se revestiu com nova roupagem. Essa “passou a ser relacionada à classificação, conceituada como agrupamento de objetos em classes segundo semelhanças. Desenvolve-se, assim a relação entre região e classe, já que qualquer descrição remete à necessidade de uma determinada ordem para se efetivar” (LENCIONI, 2009, p. 136).

Embasado nesses procedimentos, Corrêa (1990, p.18) enfatiza que “a nova geografia considera a região um caso particular de classificação. Classificar significa regionalizar através de instrumentos estatísticos, matemáticos e de desvio padrão”. A região se coloca neste quadro, como uma classe, determinada teoricamente. Ou mesmo como diz Lencioni (2009, p. 137), “se vulgarizou a expressão “subespaço” – uma totalidade menor frente ao espaço global - para se referir à região”.

Nessa perspectiva o estudo regional passou a ser composto por análises dos fatos/fenômenos urbanos e regionais, da hierarquia dos lugares, dos fluxos, da circulação, da concentração espacial das atividades e da divisão do trabalho, estreitando os laços com as ciências sociais e econômicas. Com isso, essa corrente ficou conhecida como a “ciência do espacial”, deixando um legado rico para a Geografia. Porém, os pecados cometidos pela mesma foi o de desprezar os fenômenos não passíveis de mensuração e não se preocupar com as particularidades dos fatos observados, levando assim, as regularidades espaciais.

Por tais deslizes, a “ciência do espaço” foi fortemente abalada pelas críticas dos que consideram que todo processo espacial tem um cunho social. Começaram então, a intensificar os pensamentos de que o espaço é construído socialmente e que o entendimento do contexto atual se atrela à sociedade, ou seja, se pretende entender o espaço geográfico, é preciso entender os atores responsáveis pela sua produção.



Conforme Corrêa (1990), “a ciência do espacial cede lugar, nos anos 70, para uma geografia nascida de novas circunstâncias que passaram a caracterizar o capitalismo. Trata-se da geografia crítica, cujo vetor mais significativo é aquele calcado no materialismo histórico e na dialética marxista” (CORRÊA, 1990, p.19).

Nesse cenário onde o capitalismo é quem dita as regras da nova configuração sócio-espacial, floresce uma linha de pensamento crítico, conhecida também como geografia radical, que outrora

argumentava que a diferenciação do espaço se deve, antes de mais nada, à divisão territorial do trabalho e ao processo de acumulação capitalista que produz e distingue espacialmente possuidores e despossuídos. Desta forma, a identificação de regiões deve se ater àquilo que é essencial no processo de produção do espaço, isto é, à divisão socioespacial do trabalho. (MASSEY, 1976, apud GOMES, 2008, p. 65)

Lencioni (2013), também corrobora com a temática, afirmando que

As origens dessa corrente do pensamento geográfico emergem no final do século XIX, cujo objetivo é de participar desse processo de transformação da sociedade, além de denunciar as contradições das classes sociais, os conflitos pela disputa espacial, junto a um turbilhão de questionamentos que se voltaram ao progresso técnico e científico, ao desenvolvimento social e econômico, além dos diversos problemas oriundos do processo hegemônico de acumulação do capital da época. Uma nova Geografia Regional surgia com novas preocupações. Preocupações essas, centradas em propor mudanças que fossem na raiz dos problemas sociais. (LENCIONI, 2013, p. 193).

Variadas formas de regionalização tendo em vista o “desenvolvimento desigual e combinado” (Trotsky) do espaço, as diferentes formas de acumulação do capital e as diversas maneiras de organização dos grupos sociais, foram estabelecidas. Regionalização aqui é sinônimo de diferenciação de áreas. Diferenças essas que se tornaram mais complexas, devido ao movimento social, marcado pelas lutas e seus adjetivos. Corrêa (1990, p. 44) argumenta que “por complexidade, entendemos o fato de o processo de regionalização retalhar ainda mais o espaço ocupado pelo homem em numerosas regiões e, concomitantemente, integrá-las”.

Nesse contexto marcado pela dicotomia dos processos de diferenciação e integração, notória nesse fenômeno de globalização/mundialização dos aspectos socioeconômicos, as mais complexas formas de regionalização se intensificam. Desta forma, “a região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela

sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas” (CORRÊA, 1990, p. 45).

Alguns geógrafos de cunho marxista procuraram estabelecer estreita ligação entre o conceito de região e as concepções da economia política de Marx. Diferentes conceitos surgem como região sócio-espacial, que muito coincide com a definição de formação sócio-econômica. Cada região/unidade, assim como cada modo de produção, adquire as características peculiares à sua forma de organização, próprias de contextos, gêneros de vida e de culturas diferentes, sendo desta forma, a base para uma regionalização. Nesse discurso, para Santos (1978), a região é nesta perspectiva, a síntese concreta e histórica da instância espacial ontológica dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social.

Apesar das ricas contribuições legadas pelo discurso marxista à Geografia Regional, as promessas de transformação e eliminação das desigualdades sociais, se tornaram utópicas. “O mundo já não era o mesmo; muitas utopias estavam ainda muito distantes de se realizarem, num contexto em que a chegada do homem à Lua já parecia aventura de um passado distante” (LENCIONI, 2009, p. 148).

A década de 80 foi propícia para o desenvolvimento de uma corrente crítica centrada em novos moldes: o humanismo, tendo como método a fenomenologia. Para Gomes (2008, p. 67), “o humanismo na geografia, ao contrário da geografia radical, foi buscar no passado da disciplina elementos que, segundo vários autores, seriam importantes resgatar. Um destes elementos foi a noção de região, vista como um quadro de referência fundamental na sociedade”. “Consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais são alguns dos elementos que chamam a atenção na revalorização da dimensão regional como um espaço vivido (PELEGRINO, 1983; POCHE, 1933; RICQ, 1983. apud GOMES, 2008).

Conforme Lencioni (2009),

esse humanismo significou um novo trilhar da Geografia. O espaço, por causa da sua dimensão abstrata, deixou de ser a referência central. A referência passou a ser o espaço vivido, aquele é construído socialmente a partir da percepção das pessoas. Espaço vivido e, mais do que isso, interpretado pelos indivíduos. Igualmente, espaço vivido como revelador das práticas sociais. (LENCIONI, 2009, p. 153).

A região passa a ser vista como um produto real, construída dentro de um quadro de solidariedade territorial. Ela existe como um campo de referências na consciência das sociedades. “É uma teia de significações de experiências, isto é, a região define um código

social comum que tem uma base territorial” (BASSAND e GUINDANI,1983). A análise regional, bem como o processo de regionalização, submetidas aos critérios de classificação alheia à vida regional são refutados. Pois, para entender uma região torna-se necessário experimentá-la. “A identidade dos homens com a região se tornou então, um problema central na Geografia Regional de inspiração fenomenológica [...] a região passou a ser considerada como um produto da história e da cultura” (LENCIONI, 2009, p. 154). Ou mesmo, como dita Frémont (1976), “a região é considerada um espaço vivido. E como espaço vivido, não tem limites fixos, pois ultrapassa a ideia de espaço material, pois incorpora valores psicológicos que as pessoas têm”.

A partir desse quadro histórico, podemos constatar que a região esteve no centro de inúmeras discussões que ainda nos dias atuais, animam os debates epistemológicos da ciência geográfica. Em todas as tentativas de conceituação do termo região, há um consenso. Concordamos com Sandra Lencioni (2009, p. 21) na assertiva “A região é parte de um todo” ou mesmo com Roberto Lobato Corrêa (1990, p. 22) na “A região está ligada à noção fundamental de diferenciação de áreas”. Mesmo se reportamos à primeira concepção – região natural; à segunda – região geográfica, ou a tantas outras, encontrar-se-á ainda, o consenso da Geografia: ciência que lida com a relação dinâmica em que os aspectos humanos e os físicos se entrelaçam. Mesmo, que em diversos momentos, estes elementos – homem e natureza – não estabelecessem uma relação dialética, mas sempre estiveram vivos na história da Geografia Regional.

Nesta premissa de reflexões, cabe ainda indagar: se ao longo da evolução do pensamento geográfico, a região (parte de um todo; diferenciação de áreas) sempre se manteve presente, sendo até mesmo, a solução para o velho discurso dicotômico da ciência, devido o seu incomparável poder de ser considerada o palco onde se entrelaçam tanto a sociedade quanto a natureza, como estará a discussão nos dias atuais, no cenário de globalização, em que a grande propagação dos autores pós-contemporâneos, é de um globo integrado e homogêneo? Ou em outras palavras, estaria a região, caindo no ostracismo, já que o debate atual é de homogeneização do espaço, contrária a heterogeneidade, característica marcante do debate regional?

## **A GEOGRAFIA REGIONAL NA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA**

O posicionamento de Haesbaert (2007) ilustra claramente a discussão na perspectiva contemporânea. O termo globalização, nascido no âmbito do discurso jornalístico de teor

econômico, tornou-se palavra da moda, e passou a ser utilizado de modo generalizado no discurso teórico de diversos campos do conhecimento. Pode-se dizer, com alguma ironia, que o que mais se globalizou foi a adoção deste termo para indicar a disseminação em escala planetária de processos gerais concernentes às relações de trabalho, difusão de informações e uniformização cultural.

A noção de globalização, no fim do século XX conforme Gomes (2008, p. 71), expressa “a ideia de uma economia unificada, de uma dinâmica cultural hegemônica, de uma sociedade que só pode ser compreendida como um processo de reprodução social global”. O cenário neste contexto de mundialização da economia, da cultura, dos modos de produção, do consumo, da circulação, dos recursos tecnológicos, da informação e da sociedade, não permite mais aceitar as concepções clássicas da categoria região.

Para Lencioni (2009, p. 178) “a produção se desterritorializa para produzir e reproduzir tanto condições locais como condições globais de acumulação capitalista. Neste sentido, reconstrói-se a referência espacial em que o onde tende a se tornar opaco”. Nesta linha, são muitos aqueles que anunciam o fim das regiões pela homogeneização do espaço ou pela uniformização das relações sociais (LIPIETZ, 1977).

Há de se compreender que a visão contemporânea e pós-moderna, é de um contexto em que as desigualdades, os conflitos e as contradições se acentuam.

Há que se considerar, ainda, que se há uma homogeneização pelo alto, do capital e da elite planetária, há também uma homogeneização da pobreza e da miséria, considerando-se que, à medida que a globalização avança, tende a acirrar-se a exclusão socioespacial. Se muitos autores afirmam que o mundo contemporâneo vive uma era de globalização, outros, por sua vez, enfatizam como característica principal do nosso tempo a fragmentação. Globalização e fragmentação constituem de fato os dois polos de uma mesma questão que vem sendo aprofundada, seja através de uma linha de argumentação que tende a privilegiar os aspectos econômicos - e que enfatiza os processos de globalização inerentes ao capitalismo seja através do realce de processos fragmentadores de ordem cultural, que podem ser tanto um produto (veja-se o multiculturalismo das metrópoles com o aumento do fluxo de migrantes de diversas origens) quanto uma resistência à globalização (veja-se o islamismo mais radical). (HAESBAERT, 2008, p. 2).

Segundo essa versão, a controvérsia em torno da globalização é marcada pelos movimentos de resistência contra os propósitos da globalização. Os movimentos regionais ou regionalistas - concretizados no lugar - são em geral vistos como movimentos de resistência à homogeneização, movimentos de defesa das diferenças [...] ou mesmo, como uma manifestação espontânea dos interesses locais face à burocracia esmagadora do poder central,

insensível às diferenças e às desigualdades (MARKUSEN, 1981, Apud GOMES, 2008, p. 71).

Nesses movimentos regionalistas verifica-se que o significado de região acaba se aproximando de território, onde a constante busca da autonomia/soberania, identidade e controle sobre determinado espaço/área, afirma a teia de vínculos que nestes se estabelecem. Daí a confirmação da concepção de Gomes (2008, p. 72), que “a região tem em sua etimologia o significado de domínio, de relação entre em poder central e um espaço diversificado. [...] na afirmação da regionalidade há sempre uma proposição política, vista sob um ângulo territorial”.

Segundo Castro (1997),

há um claro paradoxo entre a planetarização das relações econômicas, financeiras e de poder e o fortalecimento das disputas políticas, que ocorrem em escalas muito diferentes. Paralelamente à noção de “planeta”, enquanto morada da humanidade, fortalece-se a noção de território, incorporado a perspectiva do recorte sociocultural, para substituir o conceito de região, cada vez mais incômodo e polissêmico. (CASTRO, 1997, p. 60).

O contexto da Geografia pós-moderna, marcada pela encantada globalização se apresenta como uma realidade de um conjunto disjunto, desigual e não harmônico Lefebvre (1980). Dessa forma,

Com esse processo de globalização e a sua reestruturação capitalista, traz à tona o questionamento da pertinência da escala da análise regional e, também, o esclarecimento de sua relevância como instância particular de análise que se situa entre o local e global. Roberto Lobato Corrêa fala em “particularidade dinâmica” para captar o caráter da região e, em fragmentação articulada, para dar conta do particular na globalização. “Com a globalização o particular, não mais dotada de autonomia, como talvez pudesse ser concebido em relação às velhas regiões-paisagens europeias, fica claramente evidenciado. E as múltiplas possibilidades de recortar a superfície tornam a categoria da particularidade mais relevante (LENCIONI, 2009, p. 188).

No plano espacial, a região se situa entre o local e o global. É a mediação entre o nacional e o global. E como em tempos de integração mundial, a tensão entre as diferentes escalas se estabelece, o objetivo primordial é fortalecerem o desenvolvimento dos seus respectivos processos produtivos numa escala planetária, garantindo assim, espaços mais amplos para tornar viáveis suas operações, ao passo que fragiliza o papel do Estado-nação na regulação do espaço.

O processo de globalização, ao que nos parece, está bem bastante distante de cumprir o seu lema: suprimir a diversidade espacial ou pelo menos diminuí-las. Diferentes disto, as diferenças emergem-se e se contrapõem ao processo em que tende a anulá-las. Daí “a análise regional que, voltada para as particularidades, pode revelar aspectos da realidade, que seriam mais difíceis de serem percebidos e analisados se considerados apenas do ponto de vista global” (LENCIONI, 2009, p. 192).

Por isso, o estudo regional é de suma importância na análise espacial. Como bem expresso por Milton Santos (1996), o que não se convém hoje é a permanência da noção de região conforme os modelos clássicos, mas com novas interpretações, em que “o processo de globalização é também um processo de fragmentação, significando, assim, além de globalização, regionalização e individualização”.

Devido a todos esses direcionamentos é que a região, não menos elementar que em tempos passados, continua a ser um tema atualizado no cenário de globalização e se configura como campo decisivo de análise. Não conseguimos elencar fundamentos em discursos que proclamam o fim ou mesmo o ostracismo da região nos aportes teóricos metodológicos da Geografia, pois as anulações das heterogeneidades regionais oriundos da supremacia hegemônica do capital em todo o planeta, não se concretizaram. Mesmo neste contexto em que a “homogeneização” (via integração capitalista e seus correlatos) tenta invadir de forma profícua as sociedades, a região ainda se mantém singularmente revestida com roupagens de particularidades que a diferencia da totalidade global.

Dessa forma, há a aceitação das colocações de Milton Santos (1996) que, com o espaço tornado mundial, as regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizariam. E ainda com Lencioni (2009, p. 192), “as regiões se apresentam hoje com formas e conteúdos em constantes mudanças, e mais, mudanças bastante voláteis”. E mesmo, frente à rapidez de seus movimentos e às transformações de conteúdos em suas formas complexas, não é sinônimo do fim da região.

A escala regional, como escala intermediária de análise, como mediação entre o singular e o universal, pode permitir revelar a espacialidade particular dos essos sociais globais, nesse sentido, o regional pode se reabilitar frente ao global, como particularidade da globalização e, assim, a própria noção de região se reabilita (LENCIONI, 1999, p. 194).

Imbuídos dessas reflexões acerca do estudo regional, é que nos leva a considerar a pertinência do tema no cerne da Geografia. E, diante das tamanhas revelações na análise espacial, causa estranheza saber que nos debates atuais, a região se encontra em ostracismo ou

até mesmo esteja se desaparecendo. Pelo contrário, observa-se que no desenrolar da exposição supracitada, longe de vivenciarmos o seu desaparecimento, a sociedade global encontra-se mergulhada nas heterogeneidades causadas pelo processo de globalização e, que, além disto, são próprias das marcas regionais, as diferenciações de áreas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposição em explorar a história e os mais ortodoxos discursos em torno da noção de região no cerne da Geografia, permite reviver a própria história desta ciência. Acredita-se que a intenção de discutir a Geografia Regional em seus (des) caminhos, fragmentos e rupturas, permitiu revelar as peculiaridades marcantes da disciplina. Pois, ao remeter à análise do debate regional em sua essência, verifica-se que o impasse dicotômico existente na Geografia, também é perceptível neste movimento em busca de uma definição que melhor caracterizasse o termo região.

O desenvolvimento da noção de região, ora fundamentado na Geografia Geral, ora na Geografia Regional, traz à tona o que também é revelador na história do pensamento geográfico: a unidade entre os dois campos primordiais da Geografia – natureza e sociedade. A região, em muitos momentos parece ter buscado ser a solução para tal dicotomia, se constituindo como palco de relação entre os fatos/fenômenos sociais e os naturais. Nesse sentido, não se desconsidera tamanha contribuição na interpretação espacial, por meio da escala regional.

Como se verificou, o termo região possui sentidos variados e faz parte tanto do linguajar popular - senso comum, como dos discursos sofisticados nas academias. Porém, mesmo nas dessimetrias encontradas, há algo que as tornam comuns: a ideia de “parte de um todo”; algo que se posiciona entre a escala local e a global; aquilo que se media entre o singular e o universal ou entre o geral e o particular. Ou, como defende Lencioni (2009), discorrer sobre região é simplesmente referir-se à parte de uma totalidade, que se caracteriza por possuir múltiplos formatos e dimensões variadas de acordo com as sociedades e momentos históricos determinados, pois na região é que se concretiza o “viver” da sociedade.

Cabe mencionar que o debate regional no sentido problemático e dicotômico, remetido ao sinônimo de complexidade, não se trata de uma generalização da sua história. As sociedades que antecederam o século XVII possuíam a noção de recorte espacial nos moldes clássicos, tradicionais, diferente da visão pós século XIX, caracterizada por uma sociedade graduada, onde a interpretação espacial se tornou mais complexa frente ao confronto entre

homem versus natureza. É nesse contexto de institucionalização da ciência geográfica, que a região, pensada como categoria de análise espacial, se emerge em um discurso fragmentário e profundo, alimentado pelas rápidas e inusitadas mudanças em diferentes contextos históricos.

Desta forma, recorrer às correntes do pensamento geográfico permitiu melhor compreensão da evolução do discurso regional e a sua contextualização ao cenário atual. Sabe-se que esse campo de estudo da Geografia, se desenvolveu na valorização do particular e, mais tarde se assentou nas bases fenomenológica e marxista. Neste percurso teórico-metodológico da disciplina, a região vai se apresentando com suas distintas concepções. Ora, numa roupagem ambientalista, ligada a relação homem e meio, auto-evidente, caracterizando a Geografia como ciência de síntese; ora, numa perspectiva corológica, sendo produto final de investigação e sinônimo de unidade da ciência geográfica, devido à inter-relação dos fenômenos físicos e humanos; ora na percepção subjetiva, ligada às emoções e ao sentimento de pertencimento do homem ao lugar, a região, tema de outros campos de estudos, gradualmente vai ocupando um espaço privilegiado nas ciências e, em especial, na Geografia.

Diante da coerência da Geografia Regional nos debates geográficos e a sua importância na análise dos recortes espaciais, causa muita estranheza o fato do tema região está entrando em ostracismo. Se a causa é o processo de globalização, que tem como lema a produção de um espaço homogêneo, com a eliminação das diferenciações de áreas, próprias do estudo regional, como explicarem os movimentos regionalistas e as desigualdades cada vez mais presentes nos espaços globalizados? Estariam mesmo as heterogeneidades sendo suprimidas por esse cenário homogeneizador?

Conforme supracitado, como bem pontua Gomes (2008, p. 73), “a região tem em sua etimologia, o significado de domínio, de relação de poder, por isso, ela tenha se confundido ou ao menos se aproximado do conceito de território nos dias atuais”. Porém, cabe ressaltar que mesmo diante de um contexto em que o capitalismo hegemônico, dita as normas da nova dinâmica territorial, com arranjos e formações espaciais mais voláteis e flexíveis, a região continua a existir. Certamente, ela não permanece como os moldes clássicos, pouco mutáveis, mas existe num formato mais complexo e diversificado, com novas formas de regionalização, como por exemplo, os blocos econômicos ou mesmo, as unidades supranacionais.

O capitalismo, em escala e economia mundiais, não conseguiu romper com as diferenças socioeconômicas e culturais. É perceptível que, com esta ação global, talvez elas tenham diminuído, mas não eliminadas. Nesse sentido, essa dinâmica econômica em escala planetária, reforça de maneira intensa o sentido político do termo região, incorporado na ação



resultante do processo capitalista, concretizadas na disputa, controle e administração de áreas favoráveis à ampliação do capital.

Há, portanto um nítido paradoxo entre a planetarização das relações de poder, econômicas e sociais, e a homogeneização dos espaços. O fato de estes fenômenos terem se globalizados, não significa que os mais variados recortes espaciais tenham perdido suas particularidades. Daí, a resistência do poder organizado e sustentado nas escalas regionais frente aos movimentos de escala mundial (CASTRO, 1997, p. 60). Pois, há quem ainda afirme como, por exemplo, Roger Brunet (1990) que o desenvolvimento das potências econômicas depende tanto da redução das barreiras econômicas e políticas como também das barreiras emocionais dos territórios regionais.

Diante de toda problemática teórico-metodológica em torno da discussão acadêmica do termo região, supomos que esta categoria de análise, caracterizada pelas práticas sociais em dado território, se encontra bem distante de ser suprimida do diálogo geográfico, mesmo que essas práticas sejam fundamentadas por subjetividades simbólicas em múltiplas escalas. Afinal, é na mobilidade social, na tomada de decisões políticas e econômicas, no pertencimento e na construção da identidade que se dá significado à escala regional. Ali, as particularidades deixam de ser desprezíveis e se tornam reveladoras das peculiaridades próprias do espaço cotidiano de um lugar, território ou mesmo, de uma região.

A realidade atual, definida como complexa frente ao novo arranjo espacial e às mais variadas escalas de poder, produto do processo de globalização, leva o debate regional à análise do particular e das singularidades, colocando-nos articulados com o global. Pois, como bem pontua Yves Lacoste (1985) em seu discurso de valor estratégico da Geografia, a região carrega em si, um peso geopolítico e isso, diante das relações centro-periferia e do geral com o particular, ligados a seus paradoxos, permite que as diferenciações de áreas se aflorem, tornando possível a definição do espaço global por meio do regional.

As solidariedades se intensificam com o avanço tecnológico, os poderes locais, regionais e globais se fortalecem, a cultura se propaga, as distâncias são encurtadas, as multi/supranacionais disputam espaços estratégicos, o Estado se fragiliza, a velocidade das informações torna-se imensurável, os temas polêmicos ganham espaço planetário. Tudo isso, requer um novo olhar para a escala regional, não com a depreciação de suas totalidades, mas com a valorização dos seus conteúdos e singularidades, que são os fatores imprescindíveis pela interpretação da sociedade atual.

Finalmente, não se admite formas clássicas para a análise da realidade atual, pois a nova configuração do espaço mundial, oriunda do processo de globalização requer

interpretações que considerem as suas complexidades, os paradoxos e as antinomias inerentes a tal fenômeno. Desta forma, os mais variados discursos regionalistas, locacionista, universalista, ou mesmo nacionalista, são princípios que variam no tempo no espaço e assim, muitos deles podem mascarar conteúdos fundamentais na compreensão do espaço, como na atualidade parece ser o debate regional.

A região, mais do que parte do todo ou parcela de uma totalidade, é reveladora de significados históricos, enraizados num dado espaço geográfico, determinando a relação homem- natureza, e conseqüentemente a fixação de suas singularidades. Portanto, não cabe aceitar o discurso da globalização com o seu lema homogeneizador, mas urge instigar a reflexão sobre o cenário heterogêneo/fragmentador atual e buscar um novo horizonte capaz de visualizar fatos novos, numa realidade que se projeta em pluriescalas – global, nacional, regional e local - e se reflete em cada parcela de tal totalidade. Concordamos mais uma vez com Sandra Lencioni (2013, p.198), “o processo de homogeneização, longe se significar aniquilamento da região, significa fragmentação e também diferenciação regional” e ainda “o fato de as formas e os conteúdos terem movimentos acelerados, não significa o desaparecimento da região; essas têm uma menor duração de seu edifício regional, ao mesmo tempo em que são mais complexas em comparação às construções regionais de antigamente” (LENCIONI, 2009, p. 192).

Por fim, longe do debate regional se encontrar em ostracismo no atual contexto de novas dinâmicas territoriais, de conectividade e propagação da eliminação das heterogeneidades mundiais, a região não perde a sua essência, em ser o palco de concretização dos grandes fatos e fenômenos, inovações e descobertas, feitos e desfeitos, integração e fragmentação, oriundos do processo de globalização. E diante de um percurso marcado por “mortes e ressurreições”, o debate regional continua a existir e, a continuidade de sua valorização e da análise do particular e seus recortes, tornam-se possível o enriquecimento da própria história dos assuntos geográficos.

**Trabalho enviado em dezembro de 2016**  
**Trabalho aceito em abril de 2017**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTRO, Iná Elias de. **Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar.** In: SOUZA, Maria Adélia A. de. *Natureza e Sociedade de hoje: uma leitura geográfica.* 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

GOMES, Paulo C. da C. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Éster. **O território em tempos de globalização**. GEOUERJ. Rio de Janeiro, n.5, p. 7-19, 1º semestre 1999.

LACOSTE, Yves, 1985. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19ª ed. São Paulo: Papirus, 2012.

LEMOS, Linovaldo Miranda. **As correntes da geografia e o movimento de idéias em torno da região**. UFRJ. Rio de Janeiro, p. 26-36, 2005.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Região e geografia. A noção de região no pensamento geográfico**. In: Carlos, Ana Fani Alessandri (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 187-204.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986,

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.